

## RESENHA

### **O JOGO DAS DIFERENÇAS: O MULTICULTURALISMO E SEUS CONTEXTOS**

*por Núbia Regina Moreira\**

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA; Petronilha Beatriz Gonçalves e. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, 120p.

No campo do que se convencionou chamar de educação inclusiva, o debate sobre o multiculturalismo tem se apresentado como um dos principais meios para o aprofundamento da discussão acerca das diferenças no contexto escolar, além de constituir-se uma ferramenta para a prática pedagógica.

Para tanto, os autores destacam a importância de enfatizar o multiculturalismo, pois “fala do jogo das diferenças, cujas regras são definidas nas lutas sociais por atores que, por uma razão ou outra, experimentam o gosto amargo da discriminação e do preconceito no interior das sociedades em que vivem”.

No capítulo que trata de Multiculturalismo e Seus Significados, o multiculturalismo é mostrado como uma possibilidade de significados, que

---

\* Mestranda em Sociologia pela Universidade de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

atendem a diferentes demandas tanto teóricas quanto práticas e que são apresentados como: a) uma ideologia que se opõe a toda forma de centrismos culturais; b) uma estratégia política de integração social; c) corpo teórico que orienta a produção do conhecimento. Cada um desses três itens deve ser entendido articulado à idéia de que o multiculturalismo é um “fenômeno globalizado que tem início em países onde a diversidade cultural é vista como um problema para a unidade nacional” (p. 14-15).

Os autores advertem que, assim entendido, o multiculturalismo constitui-se “um princípio ético que tem orientado a ação de grupos culturalmente dominados” (p. 20). Em sua origem, essa ideologia estava associada somente a grupos étnicos, mas, a partir da segunda metade do século XX, outros grupos considerados culturalmente dominados, isto é, as minorias, aderem ao discurso multicultural para expressar suas reivindicações de serem reconhecidos como sujeitos de direito, numa sociedade que os oprime.

A diversidade no interior do multiculturalismo tornou-se uma voz sólida, que é manifestada por meio da política, da arte e da música. Diversidade aqui se remete à hibridização e miscigenação que surgem em qualquer local do planeta e que se apresentam como um grande desafio para a educação. Ao articular multiculturalismo e educação, objetiva-se atingir um público definido segundo critérios de equidade, ansioso por políticas públicas que revertam desigualdades baseadas em diferenças de raça, gênero, preferências sexuais, geração, etc.

O tratamento direcionado às minorias, por meio de políticas públicas, é uma possibilidade de atender às demandas específicas que não dizem respeito somente ao campo econômico que acaba por generalizar os sujeitos das políticas em camadas populares, classe operária, classe trabalhadora. Ainda que essas políticas não se remetam a questões puramente econômicas, mas, no contexto atual, também digam respeito a questões culturais, elas devem ser ponderadas e observadas quanto a sua eficácia, pois cabe ao Estado o papel de estabelecer “políticas educacionais abertas à diversidade cultural” (p. 39).

O livro ainda apresenta um capítulo que aborda Multiculturalismo e Educação nos Estados Unidos, que surge na esteira dos conflitos dos grupos étnicos que lutavam por igualdade de exercício dos direitos civis. Obviamente que essa luta era encabeçada pelos afro-americanos, mas, paulatinamente, foi absorvida por novos atores, como, por exemplo, as mulheres e os imigrantes

oriundos dos países pobres. A proposta de uma educação multicultural nos Estados Unidos é concretizada por iniciativa de professores doutores afro-americanos, que propõem como principais objetivos: a) reestruturação das escolas, estabelecimento de ensino superior e universidade; b) criação de oportunidades de sucesso escolar para todos os alunos, independentemente de seu grupo social, étnico/racial.

Respondendo às críticas recebidas tanto dos pensamentos conservadores como de segmentos da esquerda, alguns teóricos da Pedagogia da Equidade argumentam que uma educação multicultural é para todos. É como se fosse um guia de convivência numa sociedade democrática, já que pressupõe interagir com diversos tipos de pessoas de diferentes grupos.

No capítulo que trata do Brasil, intitulado O Multiculturalismo na América Brasileira, os autores fazem uma crítica ao mito da democracia racial, que escamoteia a situação dos negros e dos índios. O início de um debate multicultural brasileiro surge a partir da formação de movimentos negros, que, na época, contavam com “um número de militantes com certo nível de escolarização, o que os levou a moldar seus projetos políticos, no sentido de reivindicar para os negros, mestiços, oportunidades de se integrarem na sociedade” (p. 75). Importante lembrar que o local onde esses movimentos eclodiram foi a cidade de São Paulo do início do século XX, que estava investindo no seu projeto de modernização, o qual não permitia nenhum traço de africanidade (p. 74).

O desenvolvimento do multiculturalismo no Brasil inicia-se com a luta das organizações negras que, na década de 40, vão colocar em xeque a cultura dominante. As linhas gerais do movimento multicultural no Brasil se devem à influência dos fatores externos, que proporcionaram uma aproximação com as lutas étnicas ocorridas nos Estados Unidos, aliados com a criação da Unesco, e a programação de uma pesquisa para desmistificar a realidade do negro brasileiro. Quanto à realidade interna, principalmente no período demarcado pelos autores – 1940 a 1960 –, foi um momento em que o Estado brasileiro foi forçado a acomodar a diversidade cultural em nome do desenvolvimento econômico, mesmo sofrendo críticas e oposição dos “setores populares, em particular das organizações negras”. Contra a idéia da identidade nacional “introduziram no debate político, o tema da pluralidade étnica” (p. 86).

Bem lembrado no livro o papel das organizações negras no que tange à criação de práticas multiculturais que terão como suporte ou como laboratório a literatura e o teatro. Destaque principal para o Teatro Experimental do Negro (TEN) que “percebia a cultura como um campo de conflitos em torno do qual os negros deveriam encontrar formas para controlá-lo” (p. 91).

No entanto, nenhuma dessas ações desenvolvidas no interior das organizações estava relacionada ao sistema de ensino. Algumas experiências multiculturalistas são apresentadas naquele que vem a ser o último capítulo do livro: **Estudos, Culturas e Pesquisa em Educação no Brasil**. A primeira experiência trata da educação indígena, que privilegia a formação de professores índios para atuarem junto às suas comunidades; a segunda se refere à educação de jovens e crianças negras, uma vez que “em alguns estados da federação foram introduzidos nos anos 80, nos currículos escolares, temas pertinentes à cultura negra” (p. 100); a terceira e mais usual é a experiência do bilingüismo adotada por algumas escolas no sul do país, região fortemente marcada pela imigração européia.

O multiculturalismo é um instrumento de valorização das diversas culturas que se apresentam no ambiente escolar por meio dos alunos, sujeitos que anseiam por metodologias que fortaleçam a aprendizagem e que reforcem a cidadania. Ademais, uma prática pedagógica multicultural é uma construção que requer reformulação dos nossos conhecimentos e da nossa prática pela incorporação de outras metodologias e de pesquisas que contribuam para elucidar elementos de outras culturas e que possibilitem uma abertura para absorção das experiências produzidas nos movimentos sociais, já que esses, mediante suas lutas, acabam formulando suas pedagogias de aprendizado, tentando transformar pessoas em sujeitos de direitos reconhecidos.

Resenha recebida em: 14/06/2005.

Aprovada para publicação em: 22/07/2005.